



METODOLOGIA DA PESQUISA: O ESTUDO ACADÊMICO E AS SUAS INDAGAÇÕES INICIAIS

João Paulo Pereira Coelho¹

Marcos Pereira Coelho²

Airton Nishimura³

Resumo: O artigo analisa os passos da pesquisa científica desde a elaboração do projeto até a apresentação dos resultados. O objetivo é possibilitar aos pesquisadores reflexões que subsidiem o trabalho científico em vista dos seus elementos: a delimitação do tema, a problematização e a elaboração das hipóteses. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, crítica na seleção e análise dos materiais utilizados, de modo que os procedimentos e as técnicas não se apartam das questões epistemológicas. Conclui-se que a pesquisa científica possui especificidades que a diferem de outras investigações. O cuidado metodológico é uma prerrogativa para o avanço do conhecimento e possibilita aos pesquisadores o conhecimento do processo que proporcionou determinados resultados.

Palavras-chave: Pesquisa, Metodologia Científica, Problematização, Hipóteses.

Abstract: The article analyzes the steps of scientific research from the design of the project to the presentation of the results. The objective is to enable researchers to reflect on the scientific work in view of its elements: the delimitation of the theme, the problematization and the development of hypotheses. It is a bibliographic research, critical in the selection and analysis of the materials used, so that the procedures and techniques do not depart from epistemological issues. It is concluded that scientific research has specificities that differ from other investigations. Methodological care is a prerogative for the advancement of knowledge and allows researchers to learn about the process that provided certain results.

Keywords: Research. Scientific methodology. Problematization. Hypotheses.

Introdução

A ciência ocupa um lugar de destaque na sociedade contemporânea e a ela costuma-se atribuir um grau de confiabilidade na compreensão e resolução de problemas nas mais diversas áreas do conhecimento. Em sua tarefa os pesquisadores utilizam métodos sistematizados e ratificados pela comunidade acadêmica, de modo que a elaboração, a condução e os resultados da pesquisa possam ser revistos pelos pares. Desse modo, a formação de um pesquisador é complexa e exige desde o início

¹ Doutor em educação e professor da área de Políticas Educacionais e História da Educação da UEMS.

² Doutor em educação e professor do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM.

³ Graduado em administração na UEM.

da graduação uma aproximação com o fazer científico e que pode prolongar-se por toda a vida, em um constante processo de investigação e revisão dos resultados obtidos.

Em vista disso, as discussões apresentadas neste texto têm por objetivo proporcionar, aos pesquisadores em formação, reflexões sobre o processo de elaboração do trabalho de pesquisa. Corrobora-se com a ideia de que a investigação acadêmica demanda uma sistematização que se inicia com o projeto de pesquisa, em seguida a condução dos procedimentos investigativos a respeito do tema/problema levantados e, por fim, a apresentação dos resultados obtidos. Todas as fases da pesquisa exigem um processo reflexivo, de cotejamento entre diferentes produções já realizadas na área em que o trabalho se desenvolve. Tais reflexões possibilitam ao pesquisador em formação uma maior segurança nas escolhas concernentes à produção acadêmica.

As questões que envolvem a produção científica são amplas e complexas. Perpassam desde os procedimentos técnicos até as questões epistemológicas e conceituais sobre a concepção de ciência e pesquisa. Neste contexto, no presente texto, se adotou como recorte de discussão o processo de planejamento e organização do trabalho de pesquisa a partir de seus elementos fundamentais: a delimitação da temática, a problematização e a elaboração das hipóteses. Contudo, para que tais discussões ganhem profundidade e possam ser vivenciadas pelo estudante de maneira significativa, é necessário compreender que o “fazer ciência” sustenta-se em reflexões de caráter conceituais e filosóficos que são basilares do pensamento científico.

Espera-se, portanto, que as discussões apresentadas subsidiem os pesquisadores em formação em suas jornadas na busca de amadurecimento acadêmico. Um estímulo, um ponto inicial para que comecem a delimitar e a problematizar os seus temas de estudo de maneira consistente, fundamentados por processos de organização e investigação que sejam próprios do campo científico.

A concepção de pesquisa em seus diferentes espaços sociais e formativos

O uso do termo "pesquisa" é recorrente no cotidiano do sujeito, e está presente para além do ambiente acadêmico. É comum se ouvir no dia a dia sobre a necessidade de se fazer pesquisa, seja quando se referem aos preços praticados no comércio ou mesmo sobre a qualidade de determinado produto que se deseja adquirir. O objetivo destas práticas é orientar a uma ação cotidiana, que se encerra, por fim, a uma necessidade imediata do sujeito.

Todavia, estes levantamentos cotidianos podem ser caracterizados como pesquisas científicas? Elas podem ser caracterizadas como levantamentos primários não estruturados (BAGNO, 2005). Em outros termos, elas não convergem à solução de um problema sustentado em hipóteses coordenadas - o que é a base de uma pesquisa científica.

A segunda experiência de pesquisa recorrente, e que marca a vivência educacional do sujeito na educação básica, são os trabalhos escolares. O docente, por vezes, orienta aos alunos que façam um levantamento sobre determinada temática e, deste modo, os estudantes vão a campo buscarem as informações pedidas pelo professor. Há, muitas vezes, nesta orientação, por parte do professor, a compreensão de que, pesquisa, seja fundamentalmente a busca por informação, e não propriamente um processo cujo fim seja estabelecer uma reflexão consistente sobre determinada temática. Desta maneira, realizar o que seria a pesquisa resume-se a, no sentido literal, encontrar o assunto pedido. Após o aluno encontrar o assunto, resta reproduzi-lo.

Em décadas anteriores, antes do desenvolvimento da internet, estas experiências mencionadas acima, tidas pelos alunos de forma equivocada como pesquisas acadêmicas, desenvolviam-se exclusivamente por meio das consultas em bibliotecas; atualmente, elas ocorrem junto à internet; são particularmente realizadas por meio de recortes de frases e textos disponíveis nos meios eletrônicos. Assim, a cópia⁴ no espaço escolar passa a comportar a ideia de “pesquisa” – um problema que, por vezes, mesmo após o aluno ter formação em nível superior, não o superou.

Esta concepção desacertada de pesquisa, que se propaga no âmbito educacional em seus distintos níveis, é resultado da precária formação para a reflexão crítica que o aluno recebe durante a sua vida escolar. Por esta formação inconsistente para a prática da pesquisa, o aluno, tanto na educação básica ou mesmo em nível superior, por vezes, realizam plágio sem propriamente serem movidos pela má fé.

Deste modo,

As ações educativas para prevenir o plágio podem estar inseridas em diferentes atividades, a exemplo das disciplinas curriculares dedicadas ao ensino da pesquisa, tais como aquelas denominadas Metodologia Científica (ou com denominações análogas). Uma interessante publicação recente sobre o ensino da pesquisa nas universidades, que analisou os conteúdos programáticos das disciplinas “metodológicas” em uma instituição, concluiu que todos os cursos, em todas as disciplinas, deveriam assumir a responsabilidade (PITHAN; VIDAL, 2013, p. 80)

Entende-se que, em distintos níveis de ensino, é necessário que o estudante seja desafiado a indagar, a apresentar suas angústias sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula. Problematizar é a base para a ampliação do conceito de pesquisa, que, evidentemente, ganha contornos mais consistentes na medida em que o aluno alcança níveis de reflexão mais elaborados (DEMO, 2015). Em outros termos, a vivência da pesquisa ganha consistência quando o aluno é situado na condição de sujeito. É nesta circunstância que o estudante passa a desenvolver uma experiência significativa com a leitura, a investigação e o questionamento; movido, pela genuína

⁴ Para além da questão ética, plágio é um crime de violação aos direitos autorais (Art. 184 – Código Penal)

curiosidade e senso de análise - o que move o pensar científico.

Enriquecer e ampliar a compreensão que se tem de pesquisa é um processo lento, que demanda exercício durante toda a vida educacional do sujeito (RICHARDSON, 2017). Cabe ao professor e orientador deste processo – em qualquer nível de ensino – a tarefa de mediar a experiência do aluno com a pesquisa científica. Este é um trabalho complexo, pois não existem regras absolutas ou receitas a serem aplicadas de forma homogênea, pois trata-se da formação da autonomia do sujeito – valor fundamental para que se possa desenvolver uma postura de pesquisador.

Delimitações do conceito de pesquisa científica

A pesquisa científica é um trabalho de investigação pormenorizada de um problema, visando não apenas o interesse do pesquisador por determinada temática, mas considerando as possibilidades de se avançar em certa área da ciência. Assim, a pesquisa científica caracteriza-se como um estudo desenvolvido a partir de uma investigação sistemática, cujo percurso seja sustentado por métodos e técnicas próprios do campo da ciência.

O termo método, sendo um conceito de origem grega (*methodos*) é composto pelo prefixo *meta* (através de) e o sufixo *hodos* (caminho ou via). O método científico refere-se, portanto, ao caminho tomado pelo aluno para o desenvolvimento de sua pesquisa. Em outros termos, método, é a via escolhida e as suas “pavimentações” a oferecerem subsídios para o desenvolvimento de um estudo e, assim, chegar a um determinado objetivo. Ainda, segundo Gil (2009), método é um conjunto de conceitos adotados, de forma planejada e consciente, para se produzir um novo conhecimento.

Conforme Lakatos e Marconi (2017, p. 65), método é o:

(...) conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Pode-se definir método científico como uma teoria de investigação que oferece suporte às hipóteses estabelecidas sobre uma determinada problemática de estudos. Nesta caminhada, o método favorecerá para que as hipóteses do trabalho sejam passíveis de serem testadas a partir de saberes e procedimentos válidos, amplamente discutidos e referendados pelo meio científico – evitando, dessa maneira, que o pesquisador se perca em sua caminhada para estabelecer os marcos da problematização de seu trabalho.

E o que é técnica? O significado da palavra em sua acepção original, tem origem grega (*techné*), tendo como variáveis o fazer, fabricar ou produzir. Ela articula-se com o verbo *teuchô*, que tem como primeira definição a palavra

ferramentas. Na antiguidade, nos escritos de Homero (VIII a. C), a definição de *techné* ganha particular significado como instrumentos utilizados para se desenvolver uma determinada tarefa, e – guardadas as devidas distinções temporais – se mantém na concepção de técnica que permeia o estudo científico, na contemporaneidade (RICHARDSON, 2017).

Indo ao encontro da definição acima, Lakatos e Marconi (2017, p. 157) consideram que técnica “é um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é uma habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática”. Deste modo, as técnicas de pesquisas são os instrumentos, um aparato que se utiliza para que o pesquisador desenvolva o seu estudo – que devem ser rigorosamente elaboradas ou organizadas a partir da teoria de investigação que fundamenta a pesquisa. Para uma delimitação mais objetiva sobre método e técnica, compreende-se por métodos os procedimentos mais amplos que envolvem a pesquisa, enquanto as técnicas são ferramentas mais restritas que operacionalizam os métodos por meio do emprego dos instrumentos adequados. (SEVERINO, 2013).

A este respeito cabe uma observação. Não deve ocorrer separação entre método e técnica. O pesquisador, em um primeiro momento, volta-se para a delimitação de sua pesquisa, sistematizando os encaminhamentos que tomará para alcançar os objetivos do trabalho; em um segundo momento, ele irá a campo implementar as ações/técnicas necessárias para desenvolvimento da pesquisa. Neste momento, o pesquisador pode submergir na realidade prática em que está envolto e afastar-se da teoria de investigação que norteia a sua pesquisa (THIOLLENT, 2018).

Diante da cisão entre método e técnica, uma das consequências é estabelecer um paradoxo entre o pensar e o fazer. Em outros termos, o estudante pode enunciar em sua fundamentação teórica e metodológica que o seu trabalho é orientado por pressupostos materialista-históricos, mas pode, por exemplo, aplicar técnicas de observação e/ou entrevistas que sejam característicos de uma pesquisa com fundamentação positivista. Por fim, este paradoxo estabelece um conflito no desenvolvimento da pesquisa que seguramente impedirá que o pesquisador consiga alcançar os objetivos propostos no estudo.

A compreensão de que a pesquisa científica deva ser referendada por métodos e técnicas pertinentes à ciência, de forma alguma pode ser entendida como um caminho para que a ciência apresente resultados definitivos, não passíveis de serem questionados; pelo contrário, os resultados alcançados por um determinado estudo devem ser divulgados, publicados e, assim, debatidos pela comunidade acadêmica – uma vez que a produção científica é validada por toda a comunidade científica e não apenas por um único grupo que orientou e avaliou o trabalho em uma banca de defesa (RAMPAZZO, 2017).

Da mesma maneira, a provisoriedade dos resultados da pesquisa científica não a desqualifica, tendo em vista que a concepção de verdade absoluta, inquestionável, não é própria do pensar autônomo. A ciência está em constante diálogo com a realidade – sempre difusa e em constante mudanças. Ocorre que o conhecimento

científico não é definitivo, os paradigmas metodológicos que norteiam as pesquisas são passíveis de revoluções que alteram a forma de se produzir e os resultados do conhecimento (KUHN, 2017).

Em outros termos, o desenvolvimento da ciência não ocorre por meio de respostas que ofereçam segurança, um “porto seguro” a ser alcançado e, deste modo, o pesquisador possa dar como encerrada a sua jornada. A busca pela segurança e estabilidade nas respostas é uma característica do pensamento dogmático, não sendo, portanto, apropriado para o desenvolvimento do conhecimento científico. Se em outros campos dos saberes humanos o sujeito busca conforto e segurança para as suas angústias e anseios, como é característico das crenças religiosas, na ciência, a incerteza que retroalimenta a curiosidade (RAMPAZZO, 2017). Assim, a pesquisa científica é educativa, tomando parte do processo de emancipação do sujeito em suas dimensões críticas e participativas – uma vez que as reflexões desenvolvidas pelo sujeito foram com base em um diálogo com a realidade. Ele é “capaz de reagir contra a situação de objeto e de não cultivar os outros como objeto” (DEMO, 2006, p. 42). Sendo, portanto, a pesquisa científica resultado de uma investigação sistematizada, é necessário planejar o seu trabalho. A primeira etapa desta empreitada é a escolha de uma temática de estudos; é um ato inicial de planejamento, sendo fundamental para que o pesquisador comece a ordenar os argumentos que sustentarão a sua proposta de estudo.

A escolha do tema de pesquisa: um exercício de planejamento e organização

Ao dar início à escolha de seu tema de estudo, o pesquisador inicia a busca por desenvolver um trabalho que detenha originalidade, uma vez que as reflexões que empreenderá demarcará um novo patamar para o debate científico. A escolha do tema exige, portanto, o cuidado em delimitar e racionalizar o enfoque das discussões a serem desenvolvidas, definindo, de maneira consciente, os debates que não serão comportados nas problematizações do trabalho – mesmo sendo relevantes.

Neste aspecto,

A primeira tentação do estudante é fazer uma tese que fale de muitas coisas. Se se interessa por literatura, seu primeiro impulso, é escrever algo como A Literatura Hoje. Tendo de restringir o tema, escolherá A Literatura Italiana do Pós-guerra aos Anos Sessenta. Teses desse tipo são perigosíssimas. Estudiosos bem mais velhos se sentem abalados diante de tais temas. (ECO, 2008, p. 7.)

Originalidade não é sinônimo de uma temática com poucas produções acadêmicas na área; pelo contrário, para um pesquisador que está fazendo as suas primeiras incursões na pesquisa acadêmica, este fato desencadeará uma séria dificuldade para desenvolver o seu trabalho. Cada temática possui pesquisadores que

produziram contribuições significativas à ciência, constituindo-se em clássicos que carecem ser lidos, fichados e resenhados – independentemente do nível de pesquisa a que o estudante se dedica. A ciência inova, aprimora-se sem desconsiderar os caminhos já “pavimentados” por estudiosos anteriores; pelo contrário, é imprescindível que autores referendados pela comunidade científica sejam estudados justamente para que seus escritos não se tornem verdades cristalizadas.

O que se deve ter como base, primeiramente, é que um tema de pesquisa necessita externar um sistemático processo de organização e racionalização. Diante da necessidade de inserir a proposta de estudos em um conjunto de resultados passíveis de serem validados pelo pensamento científico, por vezes, a pretensa originalidade de um tema de estudos pode, na verdade, evidenciar seu distanciamento de parâmetros científicos. A exemplo, definir como temática “Como solucionar os problemas da educação infantil no Brasil” não comporta um sentido de dúvida e delimitação temática passíveis de serem debatidos no âmbito acadêmico.

Pensemos, então, partindo da noção temática enunciada acima, uma discussão que possa ser desenvolvida com base no pensar científico: “As políticas públicas para a Educação Infantil no contexto da Emenda Constitucional 95 – o teto dos gastos”. Nesta temática, entende-se que há a delimitação de uma determinada realidade objetiva, passível de ser submetida a uma investigação sistemática, sustentada por indagações que comportam caminhos e soluções passíveis de serem orientados pela ciência.

É necessário considerar que propostas temáticas irrealizáveis, por vezes, também são resultados de leituras superficiais. Elas nascem da falta de o estudante realizar um mapeamento preciso das bibliografias e campos teóricos que fundamentam as suas escolhas de estudo.

Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados (GIL, 2009, p. 73).

Ao mesmo tempo, faz parte do processo de amadurecimento acadêmico do pesquisador ponderar sobre as eventuais limitações bibliográficas, humanas e materiais que possam comprometer a conclusão do trabalho. É preciso considerar que, partindo de um interesse do pesquisador, o tema escolhido deve ser compatível com suas possibilidades. Embora a opção por determinada temática possa ser, a princípio, original, é preciso considerar, por exemplo, se as fontes a serem consultadas sejam acessíveis, tanto no âmbito material ou mesmo legal (GIL, 2009).

Ainda, os desafios impostos pela vida profissional, bem como os prazos que a serem cumpridos no desenvolvimento do trabalho, muitas vezes, leva o estudante em nível de pós-graduação a escolhas temáticas e opções metodológicas que, em seu

entendimento, irão evitar desafios maiores à sua pesquisa. Não é razoável que a escolha de um tema de estudos, que será desenvolvido com base em processos característicos da produção científica, se pautar apenas pelo que o estudante entende como mais "fácil" e cômodo.

Há, portanto, a necessidade do pesquisador, de forma consciente e madura, assumir primeiramente sua afinidade com a temática escolhida, bem como seus próprios limites acadêmicos na realização de um estudo (ECO, 2008). Superados estes desafios iniciais a respeito da escolha do tema, é preciso que o estudioso vivencie a experiência com a pesquisa como algo significativo para si. Uma vez que o pesquisador passará bom tempo dedicando-se à temática escolhida, é importante que ele tenha esta vivência como algo prazeroso, instigante. Deve-se ter claro que a pesquisa científica não é sinônimo de obrigação curricular, de algo encastelado na universidade e que causa estranheza e receio ao estudante.

Deste modo, a partir das reflexões empreendidas pode-se definir que o tema é um campo de discussão delimitado a partir do conjunto das informações levantadas pelo pesquisador. É um assunto sobre o qual se pretende desenvolver como pesquisa. Todavia, para que o tema ganhe vivacidade acadêmica é preciso que se estabeleça um diálogo com o propósito maior da produção científica: apresentar novos problemas de pesquisa que proporcione o desenvolvimento do saber científico.

As indagações de pesquisa e a busca por soluções: problematização e hipóteses

Primeiramente, é preciso definir o conceito de problema de pesquisa. Ele é, objetivamente, o momento em que a ciência se lança na busca por alcançar um novo partamar de conhecimento. Em outros termos, o problema “esclarece os limites precisos da dúvida que têm o investigador dentro do tema escolhido” (KÖCHE, 2012, p. 73). Assim, ele é resultado, de um lado, dos conhecimentos que já se tem sobre determinada temática – uma vez que foi a partir da produção científica da área que o pesquisador se deparou com um incômodo – e, por outro lado, ele detém a expectativa de que se produza um novo saber, pois é preciso sanar este incômodo. O problema de pesquisa evidencia que o conhecimento é sempre limitado e, portanto, em determinado momento, ele mostrou-se como insuficiente para explicar determinada realidade.

O problema é a dificuldade sem solução que deve ser respondida, expresso em forma de enunciado interrogativo que contém no mínimo a relação entre duas variáveis. Se não manifestar essa relação é sinal que não está suficientemente claro para a investigação (KÖCHE, 2012, p. 130).

Sendo o problema de pesquisa uma indagação que envolve de maneira intrínseca ao tema de estudo, ele pode tomar forma a partir de uma dificuldade de

caráter tanto teórico como prático. Elaborar interrogações acerca de uma temática de estudos, sejam estes questionamentos restritos ao âmbito teórico ou articulada com a vivência prática da discussão, leva o sujeito iniciante no campo da pesquisa a pensar que, devido a estas angústias, é preciso avançar nas respostas. Esta atitude é essencialmente um exercício de problematização de pesquisa científica (RUDIO, 2015).

Assim, um problema de pesquisa pode emergir dos desafios e vivências em sala de aula, a exemplo, das experiências proporcionadas pela docência na educação infantil. O parâmetro para a formulação de um problema de pesquisa é que o mesmo seja claro e preciso, uma vez que esta clareza proporcionará os meios necessários para avançar ou mesmo solucionar o problema observado:

Formular o problema consiste em dizer, de maneira explícita, clara, compreensível e operacional, qual a dificuldade com a qual nos defrontamos e que pretendemos resolver, limitando o seu campo e apresentando suas características. Desta forma, o objetivo da formulação do problema é torná-lo individualizado, específico, inconfundível (RUDIO, 2015, p. 74).

Portanto, reitera-se que um questionamento consistente sobre um determinado assunto não é uma dúvida primária sobre a própria temática - que se faz presente mais por falta de aprofundamento das discussões do que propriamente resultado de uma imersão profunda na temática. Caso estas fragilidades emergjam, é necessário que o pesquisador iniciante persista em seus estudos. Por meio do diálogo com o seu orientador, a partir de debates e da participação em eventos ou grupos de estudos, será alcançada a devida profundidade acerca da temática e, por extensão, a proposição de um problema de pesquisa sustentado em um exercício autêntico de reflexão acadêmica. Assim, sendo, o problema de pesquisa resultado da insuficiência do conhecimento científico para explicar uma determinada realidade, as proposições que serão testadas para o avanço/solução deste conflito constituem-se como hipóteses; um determinado conjunto de argumentos elucidativos propostos de forma estruturada e fundamentada.

Em termos objetivos, as hipóteses são proposições de caráter inicial, estabelecidas pelo pesquisador, na tentativa de elucidar determinada problemática. De acordo com Rudio (2015, p. 77) “Sob certo aspecto, podemos afirmar que toda pesquisa científica consiste apenas em enunciar e verificar hipóteses; estas são proposições que se fazem na tentativa de explicar o que se desconhece”.

Para que o pesquisador demonstre a sua contribuição para a ciência, é preciso que as hipóteses sejam confirmadas ou refutadas no todo ou em partes. Isto acontecerá à medida que o estudioso vai em busca de examinar mais detidamente as informações ou dados que sustentaram suas hipóteses (GIL, 2009). Sendo as hipóteses afirmações provisórias, consistentes para os limites de problematização da pesquisa, elas são um

dos elementos norteadores da tarefa de investigação. Em outros termos, o pesquisador deve ter claro que, por fim, com base em toda a pesquisa desenvolvida sobre a problemática apresentada, ele deve oferecer um parecer sobre as hipóteses que defendeu.

Reitera-se que, a capacidade de estabelecer e manter a confrontação das hipóteses é o que define o nível de maturidade acadêmica do pesquisador. Abandonar ou afastar-se das hipóteses do trabalho demonstram que o pesquisador ainda não tem clareza sobre as múltiplas camadas de caráter técnico e metodológico que compõem uma pesquisa científica (LAKATOS; MARCONI, 2017). Além disso, destaca-se que os principais fatores que colaboram para a dificuldade de se estabelecer hipóteses claras para o problema de pesquisa e confrontá-las, tem como origem o déficit de conhecimento do referencial teórico e a insuficiência do domínio das técnicas e contribuições que o meio acadêmico produz e disponibiliza por meio de artigos, cursos e debates. (SEVERINO, 2013)

É necessário enfatizar, portanto, que, a hipótese de pesquisa ao tratar de uma possível solução para um problema, ao serem refutadas, não se está, por extensão, contestando a validade do método que norteia a pesquisa. O método trata-se de um paradigma consolidado pela ciência, tendo como característica a sua estabilidade – ainda que possa sofrer mudanças no decorrer do tempo. Já a hipótese é uma resposta inacabada propensa a ser constantemente lapidada e, por extensão, transitória, mesmo quando válida. Em outros termos, uma mesma hipótese, sendo analisada a partir de um método/caminho diferente, pode oferecer respostas diferenciadas.

Considerações Finais

A pesquisa acadêmica exige reflexões que perpassam não só as questões referentes a identificação com o tema e a disposição de realizar o trabalho. É fundamental apropriar-se dos processos de planejamento e organização que caracterizam a produção científica. Desenvolver uma compreensão clara dos processos metodológicos e técnicos que envolvem uma pesquisa científica é determinante para que o pós-graduando se desenvolva academicamente.

Espera-se que os estudantes em nível de pós graduação, pesquisadores iniciantes, sejam protagonistas de uma nova geração de estudiosos. Que se lancem em propostas de pesquisas desafiantes, de forma que superem os limites já convecionados da produção científica. Para isso, é preciso ousadia, seguir por caminhos que ainda não foram explorados, assumindo protagonismo em seu processo de formação como pesquisador, profissional e intelectual.

Referências

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DEMO, Pedro. **Aprender como autor**. São Paulo: Atlas, 2015.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. 21.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2009,

KÖCHE, José C.. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2012

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

PITHAN, Livia H.; VIDAL, Tatiane R. A. O plágio acadêmico como um problema ético, jurídico e pedagógico. **Direito & Justiça**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 77-82, jan. 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fadir/article/view/13676>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica: para alunos do curso de graduação e pós-graduação**. Belo Horizonte: Loyola, 2017.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2017.

RUDIO, Franz. V. **Introdução ao projeto de pesquisa**. 43. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

THILOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18.ed. São Paulo: Cortez, 2018.